

Índice

1902	
A época alta em Ostende	11
A Veneza do Norte	17
1904	
Bruges	25
1905	
A cidade dos Papas	37
Arles	41
Primavera em Sevilha	46
1906	
Hyde Park	55
1907	
Oxford	67
1908	
Um anseio pela Índia	79
1911	
Parsifal em Nova Iorque	87
1914	
Antuérpia	93
1915	
Dos dias da ofensiva militar alemã na Galícia	103

1918		
	A Suíça, o país que auxilia a Europa	111
	Necrologia de um hotel	116
1921		
	Reencontro com Itália	125
1924		
	A catedral de Chartres	133
1925		
	A feira do bom comer	143
1926		
	Viajar ou ser levado em viagem	149
1928		
	Ypres	157
1932		
	Florença, a cidade das festas	171
1933		
	Salzburgo	179
1937		
	A casa dos mil destinos	191
1939		
	Imagens da América	199
1940		
	Os jardins durante a guerra	219
	Notas	225
	Procedência dos textos	227

A época alta em Ostende

A época alta em Ostende significa uma alternância ininterrupta e colorida de festas e de acontecimentos públicos. Para todos aqueles que procuram a maior e mais elegante das estâncias balneares belgas, passa de imediato para segundo plano essa exigência que leva a maioria das pessoas a visitar o local, ou seja, a necessidade de sossego e de repouso. Quem, durante todo o ano, tem a sensação de estar mergulhado nas diversões precipitadas e excitantes da grande cidade, quem, além disso, se sente excitado em extremo pelo pulsar da vida e toda a sua tensão e está, por assim dizer, saturado de cultura e requinte, costuma desfrutar das suas semanas de férias desligando-se de toda essa energia através do repouso harmonioso e contemplativo no silêncio da natureza. Mas isto não se aplica aos frequentadores de Ostende. Para eles, a época de veraneio não constitui uma pausa, um meio de desligar, mas, pelo contrário, não passa de um elo resplandecente na cadeia interminável dos prazeres mundanos, de um sucedâneo das avenidas banhadas de sol da grande cidade, dos seus teatros, festas e jardins, que o calor do verão lhes torna inacessíveis. Pouco a pouco, Ostende tornou-se o ponto de encontro tácito dessa verdadeira e dessa falsa aristocracia, que, qual espuma

reluzente, se vê sempre sobre as ondas das capitais, que se encontra e se reconhece em toda a parte, e para a qual uma cidade natal não é mais do que uma estação de passagem de onde se podem alcançar os grandes centros de diversão internacionais. E, no pino do verão, de julho até aos últimos dias de agosto, Ostende acolhe de braços abertos esses visitantes.

Poder-se-ia falar desses dias até ao infinito sem referir com uma única palavra a magnífica localização de Ostende, onde a natureza é apenas mais um adorno na imagem global. É como se a prodigalidade da sua beleza se destinasse apenas a glorificar o triunfo da civilização moderna e a oferecer um enquadramento digno para a perfeição celebrada pela beleza humana e o engenho dos homens. Aqui, a orla marítima não proporciona tanto uma perspetiva sobre o oceano, de onde sopra uma brisa aromática e saudável, sendo antes um sítio onde se pode admirar a extraordinária elegância dos hotéis à beira-mar e o esplendor das *toilettes* das senhoras que ali se reúnem como no passeio público de uma grande cidade. O molhe, que se estende mar adentro, revela as grandiosas conquistas da técnica moderna, bem como o porto, com os seus elegantes vapores e veleiros; os banhos em si interessam bastante mais pelas originais *toilettes* de banho e pela liberdade dos usos e costumes do que pelos efeitos que produzem. Como já foi referido, aqui a natureza quase se torna insignificante em comparação com a obra humana, pois a civilização se opõe a ela com os seus progressos mais recentes, mais grandiosos e requintados.

Como é natural, a fisionomia de Ostende reflete as características dos seus visitantes. Quem trabalha muito durante o ano tem necessidade de estar inativo no verão; mas as pessoas que não exercem uma atividade, ou para as quais a profissão não é um peso, anseiam sempre por uma ocupação superficial,

desejo esse que aqui satisfazem com o desporto e o jogo. Para mostrar até que ponto o jogo se tornou uma condição necessária para a existência desta cidade basta referir que, no ano passado, quando foi preciso fechar as salas de jogos de Ostende e de Spa, o Estado belga quis pagar a estas duas cidades uma indemnização de sete milhões de francos; no entanto, até agora, este decreto não entrou em vigor. De qualquer forma, o montante da indemnização dá uma ideia aproximada do volume de negócios exorbitante que o jogo por si só gera em cada época alta.

Em Ostende, o casino representa o centro do mundo elegante. Este vasto edifício sumptuoso ergue-se junto do dique, ladeado por filas de prédios elegantes e, nas traseiras, com vista para o parque Leopoldo e para a cidade. No seu amplo salão, o público distinto de Ostende reúne-se à tarde e à noite para assistir aos concertos; e, em particular, à noite, pois os cavalheiros têm de comparecer em traje de cerimónia ou de baile e as senhoras de todas as nacionalidades rivalizam com os trajes sumptuosos e as joias. Então, o enorme salão enche-se até ao último lugar com a fina flor do mundo, mas também do submundo, elegante. Nessas ocasiões, Ostende oferece um espetáculo arrebatador, mesmo para quem vem de uma grande metrópole. Todos os dias há um baile depois do concerto; porém, nessa altura, a maioria dos visitantes retira-se para as outras salas, nas traseiras do edifício. Nas primeiras, o jogo é público e acessível a todos; de resto, as quantias envolvidas no *rouge et noir* nunca são muito elevadas e as apostas mais arriscadas estão fixadas em trezentos francos; o jogo propriamente dito só tem lugar em *cercle privé*, no maior clube de jogo de Ostende, que não tem critérios de admissão muito rigorosos e exige um pagamento de entrada de vinte francos. Nessas salas desenrolam-se cenas interessantes, das quais, no

dia seguinte, toda a Ostende está ao corrente: perdas e ganhos de muitos milhares de francos na roleta e no *rouge et noir*. As *toilettes* mais faustosas encontram-se aí irmanadas, sendo as suas possuidoras ora princesas genuínas, ora princesas de variedades, e também estão aí presentes inúmeras figuras internacionais, sobre as quais ninguém sabe grande coisa, para além de marcarem a sua presença infalível em todos os casinos do mundo desde que as salas de jogos estejam abertas. E essa imagem mantém-se inalterável desde a manhã até à alvorada do dia seguinte.

Entre as inúmeras outras diversões há a referir sobretudo as festas das flores, em que se confrontam em igual medida o bom gosto, a riqueza e a formosura. Esta temporada há algumas modificações em relação aos anos anteriores, podendo-se apenas assistir a elas em ruas fechadas, às quais só se tem acesso mediante o pagamento de uma entrada. Devido a isso, perderam muito do seu antigo esplendor, pois antes toda a cidade participava com um interesse excepcional na batalha de confetes e de flores que abrangia quase todas as ruas elegantes; no entanto, agora, o cortejo de carros profusamente adornados ganhou em intimidade, e a contenda, agora despojada daqueles exageros desagradáveis que, nos últimos anos haviam impedido a participação do público mais distinto, reveste-se de uma maior nobreza. De qualquer modo, a competição pelo carro mais belo e pela varanda mais bem decorada foi muito bem-sucedida.

Como é evidente, o desporto também está presente em Ostende. Uma corrida de automóveis alterna com regatas, com corridas pedestres, com tiro aos pombos, com corridas de galgos, e não passa um dia em que não haja oportunidade de jogar e apostar, em particular para os ingleses. As mais concorridas são as corridas de cavalos, em que o total dos pré-

mios ascende a quatrocentos mil francos e que, em particular nos dias do «Grand Prix d'Ostende», oferecem uma perspectiva magnífica devido à composição do público que, nos dias decisivos, não é recrutado apenas nas fileiras dos veraneantes, congregando também os desportistas mais eminentes da vizinha Bruxelas, de Londres e até de Paris. Nesses dias, nos quais o rei quase sempre está presente, Ostende exhibe todo o seu esplendor, reunindo sob o seu cetro os milhões das nações mais diversas, bem como as suas belezas. No que diz respeito à magnificência, essas ocasiões só são comparáveis às festas noturnas, quando o mar e o porto, mergulhados nas trevas mais profundas, são iluminados com o brilho de milhares de luzes coloridas, e os foguetes elevam-se da noite, subindo em direção ao dique resplandecente, iluminado pela claridade mágica da luz do farol.

Mas o trunfo da temporada é o grande desfile dos oficiais a cavalo, para o qual se inscrevem inúmeros militares de quase todos os exércitos e que sem dúvida se conta entre os eventos mais interessantes do ano. Depois chega setembro e, com ele, o lento empalidecer destas cores luminosas. Os hotéis fecham e Ostende, a cidade de Ostende, salta cada vez mais à vista: os pescadores, que só com grande dificuldade subsistem com a captura de peixe, o porto, de onde partem os navios com destino a Londres e à Holanda e, sobretudo, a pobreza e as privações que passam despercebidas durante a época alta, ofuscadas pelo luxo e pelo esplendor. Também o palácio de verão do rei Leopoldo da Bélgica (que, durante a época estival, manifesta a sua preferência pela vida internacional nesta estância balnear, enquanto gosta de passar os meses de inverno na Riviera francesa e que, durante a última época alta, fez as honras de Ostende a um convidado muito exótico, o xá da Pérsia) fecha as suas portas e baixa as persianas, à seme-